

Luís Quintais

A NOITE
IMÓVEL

ASSÍRIO & ALVIM

MÁQUINA

Nem sombra de fantasma dentro da máquina.
Ser apenas máquina.
Uma máquina de ler.
Uma máquina de dar de comer aos filhos.
Uma máquina de escrever sem qwerty ou azerty,
irreconhecível, mas uma máquina em todo o caso.
Uma máquina de foder.
Uma máquina de beber.
Uma máquina sem erro maquínico.
Uma máquina sem improvável intenção,
melancolia, elegia, meta-representação mortal
e desabrida.
Uma máquina que se finasse depois, sem dor,
de pura obsolescência.
Uma máquina sem dor nem tédio.
Uma máquina sem estados de alma.
Uma máquina sem alma.

MONÓLOGO AO ESPELHO

Haverá sempre uma razão, dizia-me ele, agora olha-te ao espelho, descreve o que vês, traços do teu fim, traços do fim desse homem com quem esquecias o vazio que se instalava em ti desde a adolescência. Agora, repara, nesse outro homem com quem vives há tempo de mais, adormecido, incapaz de se sobressaltar quando te levantas de madrugada e te sentas à frente do espelho, estática, concentrada em vestígios de um lamento tão espesso como a negra morte que levou aquele que um dia, há quanto tempo?, descreveste para ti mesma como «o homem da tua vida». E que expressão tão sem significado, que engano e que embaraço cai sobre ti agora quando te recordas, como o eco dessa voz que se ausentou definitivamente, dessa esperança irremediável em algo ou alguém que a morte levou. Olhas-te ao espelho. Será manhã daqui a pouco. Terás de compor essa face que se desmancha sem que ninguém dê conta. Eyeliner, rímel, que mais? Por este tempo tão curto que vem do silêncio quase pleno da madrugada, só entrecurtado pelo ruído metálico dos eléctricos que partem para lugares precisos: Graça, Cais do Sodré, poucos destinos para tanta vida que se acotovelará em breve, lá para as sete. Por agora és apenas tu à frente deste espelho. Serás apenas tu? Que rosto é este que te espreita? O rosto dessa imperceptível diferença depois da morte do homem que nunca chegaste a conhecer senão episodicamente, e que parece toldar todos os teus pensamentos hoje, neste instante, neste espelho,

sobre esse fundo que é escuro pois contém toda a tua história, a desse outro que está ali deitado, adormecido, o teu «marido», essa figura oficial, por assim dizer, do desespero. Repara como dorme, esse homem que parece sobreviver a todo o desespero. Esse homem que jamais vê as cintilações do desespero. Disse-te tantas vezes que não havia em si estados de alma, sim, foi essa a expressão que usou – «Não tenho estados de alma» –, e por aí ficou, como sempre, num mutismo indiferente de que o sono, um sono pesado e sem sonhos – será que sonha?, interrogo-me há tanto –, é apenas o somatório de todas as mortes que o habitam. Como pude alguma vez apaixonar-me por este homem terrível, este homem de uma dureza de cristal, este homem-mortalha, abandonado como um recém-nascido num baldio qualquer da alma, numa região sem forma, apagada, como uma cidade apagada, em blackout? Não consigo responder a isto. O meu rosto é trespassado pela fina dor. Esse outro que amei, que amo ainda como quem ama um membro decepado, morreu ontem pelas 11.45h. A irmã telefonou-me, disse-me, «V. morreu esta noite a caminho do hospital. O automóvel despistou-se na marginal, um pneu furado, talvez, não se sabe ainda.» Que importa o pneu furado?, pergunto eu, apetece-me arrancar o meu rosto, esta superfície de pele e andrajo e oferecê-la aos cães, para que mais ninguém se debruce sobre ela, nem sequer como memória. Onde estão as minhas lágrimas que as não vejo? Não tenho lágrimas, apenas a dor finíssima que me trespassa os olhos, as pálpebras, a fronte. Tenho de me recompor. O homem com quem me casei há muitos anos atrás – fiquemos por aqui no que de erro se fez a minha vida – está quase a acordar, sei que acorda sempre às 7, essa hora em que os anónimos se enchem de

fúria e se acotovelam nas ruas de Lisboa, a fúria ruidosa de quem nasceu ocupado e também não tem estados de alma. Componho este rosto que o infortúnio faz quebrar. Estou cheia de pena de mim mesma, e tenho de esconder os fios de baba desta aranha que se chama auto-comiseração. Batôn, rímel, que mais? Como apagar cada sulco que o meu rosto faz agora? Envelheci quantos anos numa noite? Ó interminável noite. Apresso-me. A esconder-me. Talvez fabrique uma nova e rara forma de alegria. Talvez ensaie uns passos de dança à frente do espelho. Talvez. Mas não vou para nenhum baile, ou será que vou? A vida é uma imensa coreografia. Uma encenação onde se não permite o erro. Sulcos de dor transparecem, como escondê-los? São cada vez mais. Preciso de terminar este trabalho. A luz invade o quarto. Não tenho lágrimas, seria impossível disfarçar o que o choro faz a um rosto assim, aniquilado, à procura de uma máscara que lhe caia bem. Sorrio, incrédula, perante esta expressão. Que me caia bem esta máscara. Como esses vestidos que escolhia tão cuidadosamente. Tecidos fluidos, de água, decote em v, manga curta, cintura elástica, cor rubra, cor pérola, cor oliva, vestidos plissados, negros, negros, negros. A tumultuada luz traz segura a manhã, pressinto-a. O homem com quem me casei mexe-se já, um pouco, dobra um joelho, agita-se ligeiramente. Tudo é indiferença e esquecimento nesses pequenos passos em direcção à vigília. Disfarço cada mancha de desgosto que perturba o meu rosto. Agita-se a vida, como um líquido antes em repouso. O trânsito sibila.

SCHOPENHAUER LIDO POR TRICKY

Lavai a alma,
lavai.

A água desalinha a virtude,
faz de novo o novo, e o mal

recuará, recua já.

Lavai a alma,
lavai.

Em escombros se diz
o mundo, a sua representação

apodrecendo.

Lavai a alma,
lavai.

Densa água diluindo
– uma parte num milhão –

O presente envenenado

de existir.

O PRIMEIRO HOMICÍDIO

Jacques Hamel, *in memoriam*

Está de joelhos, a Europa,
e o primeiro homicídio é cometido
de novo, e de novo, e de novo, numa
repetição da máquina sacrificial
obscurecendo os rios
de vermelhos vítreos,
cirúrgico lixo
que fornos sem medida e sem escala
não queimam.

Máscaras – faces derruídas, gastas, nenhuma luz
a não ser a das lâminas –
irrompem em naves escassas,
irrompem aos gritos,
e uma língua de morte diz por eles
ao que vieram, Deus não é grande,
Deus cospe maldições, polui
as vossas palavras, destrói
os campos, os de promessa
e comedimento, os de meditação
e espera.

Está de joelhos, a Europa, e alguém
acaba de a degolar, alguém a está
degolando, e o inferno
é o fotograma voltando, voltando.

[Entras num espaço devolutu.]	11
-------------------------------------	----

I. A NOITE IMÓVEL

[O mundo agoniza.]	19
[Placas corroídas pelo salitre.]	19
[Amanhecer, amanhecer outra vez.]	19
[Ninguém sabe que crença,]	19
[Uma ilha onde se está só entre pedras.]	19
[Sons estão aí, no centro escuro]	20
[Um caminho feito de lajes muito gastas.]	20
[Uma estrada. Uma via rápida]	20
[O tempo pára, como se a música]	20
[A cidade é um mapa destituído]	20
[Onde estará a partitura do sonho, agora]	21
[A recidiva flor de ninguém]	21
[És da infância,]	21
[O mundo, a sua textura]	21
[O difícil e o estranho]	21
[A realidade]	22
[O predador apodera-se da vítima.]	22
[O impacto mortal de um pensamento.]	22
[Não visitaste a cidade]	22
[Preferias viajar]	22
(<i>Yucca brevifolia</i> , <i>Mojave</i>)	23
[Uma vida, um traço colorido]	23

[Uma fotografia]	23
[Fere-te, esta simples]	23
[Um copo baço, um casaco]	24
[Escreve tu esta canção,]	24
[Descreves o tempo percorrido.]	24
[O relógio de parede parou]	24
[A forma da poesia por vir.]	25
[Descreves a indiferença]	25
[Nisto existe lição.]	25
[As coisas na sua liberdade ferida,]	25
[Tão simples, os gestos]	25
[Regressas a mim]	26
[Regressas a estes dedos desenhados]	26
[Esta será a tua morada,]	26
[Supõe que vês]	26
[Reflecte no que dizes]	26
[Escuta esse sinal,]	27
[Por agora deixa-me só.]	27
[A tua vida no bosque da noite,]	27
[Luz mortal.]	27
[Todos os relógios]	27
[A poesia deve ser irracional e serena.]	27
[À mesa,]	28
[A bicicleta]	28
[Não sou nada, nada serei.]	28
[Desgosto proposicional.]	28
[Contento-me]	28
[O mal por anotar.]	29
[Não assistir ao declínio da luz.]	29
[O vazio preenche o vazio.]	29
[Escuto o que colapsa.]	29

[A espessura da linguagem está contida]	29
[Não sentir os dedos]	29
[Talvez seja equívoco,]	30
II. ESCOMBRO	
Deus e noite	35
Shoah	36
Egeu	38
Lixeiras e bancos	39
Glastonbury, Savages	40
Asma	41
Máquina	42
Monólogo ao espelho	43
Schopenhauer lido por Tricky	46
O primeiro homicídio	47
III. WUNDERKAMMER	
Plume et plomb	51
Palavras	52
Mente	53
Céu	54
Terza	55
O vazio	56
Manhã	57
Forma	58
Escrever	59
Imagens	60
Fotografia	61
Uma árvore brilha	62
Um príncipe em todas as coisas	63
País	65

Lidérc	66
Interior com rapaz lendo	68
A música	70
A casa	71
Wunderkammer	72
Chris Marker	73
Lucio Fontana	74
Anfiteatro	75
Tempestade	76
Paraíso	77
IV. ÍLION	
Esse canto escuro	83
Quando Heitor foi morto por Aquiles	86
Sim, em todas as despedidas	87
Armas desenhadas por deuses	88
Algo permanece	89
Um cavalo fala	90
Após a fala do cavalo Xanto	91
Uma escavação	92
V. O PRÍNCIPE DA IMAGINAÇÃO	
Síntese e remorso	99
Ecografia #3	100
Uma criança nasce, esplende	101
Amélia	102
Tempo	103
Móbile	104
O príncipe da imaginação	105

VI. UMA VIDA

Ecrá	111
Recanto lembrado	113
Fantasmas	115
Subo as escadas, terceiro andar	117
Linguagem e recolhimento	118
A arte da memória	119
Uma vida	120
Lisboa	121
An Italy of the mind	123
Uma jarra de Murano alaranjada	124
Inverno	125
Espelho	126
Flor	127
Caixa negra	128
O dia do camaleão	129
Not with a bang but a Werther	130
A morte do príncipe Lermontov	131
Der Wolfsmann	132
O que diz o mundo	134
Almoço e morte	135
Extinção	136
Um semblante de agonia	138
Anjo	139
Vigília	140
Campa	141
Herberto, epitáfio	142
Mapa e acidente	143
Canção revisitada	144
Gema	145
Estrela negra	146

Tóquio	148
Nova acústica	149
Das cicutas	150
Frésias	151
Hong-Kong – Munique	153
Porto	155
Miopia	156
Vozes	157
Cinzas	158
Ruído	159
Tudo é ruído	160
Futuro	161

VII. UM PLANETA DE ACIDENTE

[O deserto é uma cama.]	167
[Da destruição mais extrema,]	167
[O abandono da casa,]	167
[O caminho das pedras,]	167
[Por que precisamos de água?]	168
[Destruir o território será a medida]	168
[O mais antigo canto]	168
[A natureza é aquilo que sobra da história,]	169
[Sonhamos um padrão,]	169
[Uma luz desfigura-se.]	169
[Nada poderemos dizer.]	169
[A vã chegada dos políticos]	169
[Alguém veio dizer-nos]	170
[Alguém veio dizer-nos que o mundo fluía]	170
[O deserto é um vórtice de luz.]	170
[A linguagem precipita-se,]	170
[Este fogo irá levar-nos à exasperação do tempo.]	170

[<i>Zu Ende neigte die alte Welt sich</i> (Novalis).]	171
[A natureza está agora em repouso, estéril.]	171
[Apenas para o espectáculo,]	171
[Somos frágeis.]	171
[Excessos sobre excessos.]	171
[Alguém virá,]	172
[Deste pequeno gesto se fará o voo.]	172
[Líquida fronde, ali, entre dois mapas,]	172
[Fomos esperados por essa flor,]	172